

Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo      (    ) Relato de Experiência      (    ) Relato de Caso

## DA AMIZADE À LITERATURA: EM BUSCA DO PROCESSO CRIATIVO

**AUTOR PRINCIPAL:** Bruna Santin

**CO-AUTORES:**

**ORIENTADOR:** Miguel Rettenmaier

**UNIVERSIDADE:** Universidade de Passo Fundo

### INTRODUÇÃO

Quando se escreve uma correspondência, fragmentos de personalidade são entregues ao outro e, quando se recebe, da mesma forma. Datilografada ou a punho, tanto faz, há sempre uma mensagem a ser transmitida, de felicidade, aflição ou de intimidade. Os testemunhos são factuais e inapagáveis, seja pela mente do receptor, seja pelo tempo. Cartas acompanham o homem há séculos, transmitindo histórias de amor, comprovando negócios e confidencialidades. Além de confidências, missivas trocam testemunhos, os quais serão objeto de análise deste resumo. Testemunhos de dois grandes escritores gaúchos, Erico Verissimo e Josué Guimarães, amigos-correspondentes, que trocavam processo criativo através de correspondências, algumas, hoje, acondicionadas no Acervo Literário de Josué Guimarães (ALJOG/UPF), localizado na Universidade de Passo Fundo.

### DESENVOLVIMENTO:

Josué Guimarães correspondeu com amigos escritores e com sujeitos do sistema literário de sua época. Tanto quanto depoimentos pessoais e vozes de intimidade, as correspondências são testemunhos certos do tempo do escritor. Porém, o fragmento da missiva passiva a ser estudada, no presente resumo, é de Erico Verissimo, o qual comenta de forma direta o seu processo criativo. Há poucas cartas desses dois confidentes. A grande maioria delas é do ano de 1975, quando Josué estava em Portugal. Identificou-se no espólio de Josué Guimarães, até o momento, somente duas cartas de Josué para Erico, e as outras todas de Erico para Josué. Nessas missivas, em geral, existem menções de planos literários, convites, leituras, projetos pessoais e posicionamentos políticos fortemente evidenciados. A missiva escolhida é datada em 16 de fevereiro de 1975, e foi enviada por Erico (Figura 1). Como pode ser visto, é incisiva e relaciona-se com o que Willemart fala: o escritor e o gozo, o qual está a direcionado ao "excesso de prazer aliado à paixão de escrever" (WILLEMART, 2009, p. 67). Segundo o autor, existe a dor de escrever, associada a diversos fatores, por exemplo, períodos, bloqueios, associações de outras escrituras, etc. Erico, pelo que se percebe, estava detido na pesquisa histórica de um período, para não cair na armadilha de passar alguma

informação errada. A pesquisa é para o segundo volume das memórias. Erico Verissimo faleceu em 1975, ano do envio da missiva em estudo. O segundo volume, mencionado na carta, ficou interminado, sendo publicado após a sua morte. O interessante é que o escritor passa esse bloqueio e essa dificuldade de seguir com a escritura para Josué. De fato, esse fragmento poderia render outros estudos, muito mais aprofundados, levando em consideração diversos fatores do período 1975 e envolvendo o primeiro volume do livro em questão. É importante ressaltar que, em geral, a análise das cartas de Josué Guimarães objetiva a busca pelo seu processo criativo, contudo não se poderia deixar de comentar a troca de criação existente em seu espólio, mesmo que a missiva em questão evidencie a produção artística de Erico Verissimo. Em um espaço tão plural como é o acervo literário, desconsiderar testemunhos que apresentam valor em termos criacionais, é de grande inconformidade. Assim como Josué recebia opiniões diretas de seus correspondentes, talvez ele também fosse um opinante direto. Não há como saber se essa carta é uma resposta e se antes desse diálogo tinha outro, com perguntas de Josué para Erico, envolvendo o segundo volume das memórias. Não se sabe se esse relato foi espontâneo, querendo comentar sobre um projeto que estava em andamento. Contudo, uma coisa pode ser constatada: Erico estava com dificuldades de escrita, com bloqueios, suscitados por algum motivo. Qual? Não se sabe. Não se sabe nem os próprios bloqueios de Josué, pois como coloca Willemart (2009), existe um manuscrito mental, o qual o pesquisador nunca terá acesso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Dentro das inúmeras possibilidades de escolhas, em um universo como é o Acervo Literário, buscou-se em correspondência afetiva de Josué Guimarães apresentar uma troca criativa, de relatos e de angústias perante o ato criacional. Ao expor em carta um relato de escrita, Erico Verissimo deixou um testemunho de criação, hoje eternizado no ALJOG/UPF.

## REFERÊNCIAS

BIASI, Pierre-Marc de. A genética dos textos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

SANTOS, Matildes Demétrio dos. Ao sol carta é farol: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas. São Paulo: Annablume, 1998.

VERISSIMO, Erico. Solo de clarineta: memórias. 20. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. V. 1.

VERISSIMO, Erico. Solo de clarineta: memórias. Organização Flavio Loureiro Chaves. 20. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. V. 2.

WILLEMART, Philippe. Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise. São Paulo, Perspectiva, 2009.

**NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa):** Número da aprovação.  
SOMENTE TRABALHOS DE PESQUISA

## ANEXOS

Figura 1: Fragmento da correspondência enviada a Josué Guimarães por Erico Verissimo, datada em 16 de fevereiro de 1975. Fragmento transcrito preservando a ortografia.

conhecem a resposta. Nas vizinhanças dos setenta, quando imaginei que ia estar aposentado (não que desejasse!) quieto num canto, meio esquecido e sem sequer sonhar com escrever livros, artigos e dar entrevistas, aqui me encontro no meio dum torvelinho (provinciano, reconheço, mas nem por isso menos torvelinho). O segundo volume das memórias vai bem e vai mal. Vai bem porque está sendo feito com o maior cuidado; vai mal porque marcha com excessivo vagar. Sou um pesquisador miserável, faço as pesquisas duas, três ou quatro vezes. O material humano das memórias vem da própria memória, da incociente e da conciente. Mas preciso reler a Historia de Portugal, chequear nomes geográficos, situações de províncias, confirmar impressões, etc. Resultado: ainda não saí de Portugal. Verifiquei que minhas raízes portuguesas são mais fortes do que eu imaginava. Estou também aproveitando as minhas atividades anti-salazaristas exercidas ha quinze anos (quando muitos dos capitães do M.R.M. tinham apenas 10 ou 15 anos) para usar sua narrativa como carapuça para um regime que conheces. Nenhum escritor no mundo bota fora mais papel com tantos rabiscos (80% deles inúteis) como eu. A correspondencia jorra e continuo deixando-a de lado, agora com mais cinismo que antes.

Fonte: ALJOG/UPF

[...] Nas vizinhanças dos setenta, quando imaginei que ia estar aposentado (não que desejasse!) quieto num canto, meio esquecido e sem sequer sonhar com escrever livros, artigos e dar entrevistas, aqui me encontro no meio dum torvelinho (provinciano, reconheço, mas nem por isso menos torvelinho). O segundo volume das memórias vai bem e vai mal. Vai bem porque está sendo feito com o maior cuidado; vai mal porque marcha com excessivo vagar. Sou um pesquisador miserável, faço as pesquisas duas, três ou quatro vezes. O material humano das memórias vem da própria memória, da incociente e da conciente. Mas preciso reler a Historia de Portugal, chequear nomes geográficos, situações de províncias, confirmar impressões, etc. Resultado: ainda não saí de Portugal. Verifiquei que minhas raízes portuguesas são mais fortes do que eu imaginava. Estou também aproveitando as minhas atividades anti-salazaristas exercidas ha quinze anos (quando muitos dos capitães do M. R. M. tinham apenas 10 ou 15 anos) para usar sua narrativa como carapuça para um regime que conheces. Nenhum escritor no mundo bota fora mais papel com tantos rabiscos (80% deles inúteis) como eu. A correspondencia jorra e continuo deixando-a de lado, agora com mais cinismo que antes [...] (ALJOG02b0068-1975).